

CRONOLOGIA DE COMADRE FIRMINA NOS SEUS 138 ANOS DE PAGODES

Nei Lopes

Para Sérgio Cabral e Joel Rufino, eles sabem por quê.

Comadre Firmina vai fazer, agora em agosto, 138 anos. Pelo menos é o que ela diz.

E ainda gosta de uma cerveja, a velha. Aliás diz ela que "ainda gosta de muita coisa", o que eu acho caduquice, porque nessa idade... não sei, não...

Ultimamente deu pra ficar lembrando um montão de troço. E é mascarada a velha: diz que fez, que aconteceu, que pintou e bordou, que foi um peixão, que foi uma tremenda pagodeira. Quer ver só? Escuta só a fita!

(Ruídos de copos batendo. Cantoria ao fundo)

— Eu? (Gargalhada) Eu nasci em 1850, meu filho! Vou fazer 138 anos agora em agosto. Dia 15 de agosto. Dia de Nossa Senhora da Glória!

(Voz off ininteligível)

— Ah, não! Graças a Deus, não!... E nunca fui escrava porque eu era filha de um barão. Barão de Jaracatiá. Um fazendeiro de café... Ele conheceu minha mãe lá em Santo Amaro, na Bahia. Gostou dela e tal, bonitinha, com quinze anos, ele... o... chamou ela nos peitos. (Risinho malicioso) Quatro anos depois, eu já grandinha, ele foi lá, pegou a gente e trouxe pra Campos e depois praqui pra Guia de Pacobaíba, aqui perto de Magé, onde hoje tem a praia

de Mauá. Inclusive eu (Riso safado), pequeninha ainda, pegava carona na Baronesa, que era o trem que ia de lá até a Raiz da Serra, levando o Imperador pra passear em Petrópolis...

(Ruído de líquido enchendo copo)

— Com 18 anos eu vim pro Rio. E foi no ano da inauguração do bonde de burro — uma festa muito bonita ali no Largo do Machado, com aqueles ingleses, aqueles americanos todos...

— Minha mãe já tinha morrido, então eu vim pra cá. Fui morar na Pedra do Sal, ali perto da Praça Mauá, no Beco João Inácio, com uma família lá da Bahia. Aliás, ali, naquele tempo, só morava baiano!

(Pergunta ininteligível. Só se percebe a última palavra: "Jovino")

— Justamente! Foi lá que eu conheci o Hilário. Era um crioulo simpático, falante, cantava, tocava violão, essa coisa toda... e ainda por cima era tenente da Guarda Nacional. Ai, já viu, né, meu sobrinho?! (Gargalhada)

Imagine você que Comadre Firmina chegou ao ponto de dizer que foi ela quem começou a Guerra dos Quebra-Quilos em 1871 e a Revolta do Vintém em 1880. Que

nessa revolta chegou até a dar uma banda no Barão de Drummond. Na mão de quem, aliás, foi a primeira pessoa no mundo a fazer uma fezinha, lá na antiga Fazenda dos Macacos. Diz inclusive que foi ao último baile da Ilha Fiscal em 9/11/1889! Diz que não entrou no salão, não. Mas foi, assim como uma espécie de dama de companhia, sei lá. Jurou pelas chagas de Cristo que não é cascata.

— Ah, meu sobrinho! Nesses cento e tantos anos sua tia já viu e já fez cada coisa que você nem imagina! E conheceu gente assim, ó! De tudo quanto é tipo! (Ruído irritante de ônibus se superpõe à fala)... oradores, cada um melhor do que o outro: Patrocínio... Nabuco... Lopes Trovão... Esse, então, tinha mesmo o dom da palavra. Parece que estou escutando ainda, aquele vozeirão (Caricatura de voz masculina empostada):

— “Ide e dizei a Sua Majestade o Imperador e vosso amo que um povo, digno como este que ai vedes, não volta nunca, sobretudo quando o escorraçam como turba de lacaios e desordeiros! Ide! Dizei ao Imperador que enquanto eu estiver à testa da multidão, como seu diretor, me esforçarei para demonstrar-lhe que a soberania nacional reside no povo e não na Coroa.” (Palmas e gritos de “apoiado” e “muito bem”)

Tá na cara que esse catatau não é coisa dela. É decoreba! Já pensou? Se é verdade que ela tem mesmo 138 anos, a memória da velha tá inteirinha, meu irmão.

— ... Carlos Seidl... Nabuco de Gouveia... Bricio Filho... Silveira Lobo... todos esses chupavam as laranjas que eu vendia, na porta da Faculdade de Medicina... É... ali na Santa Casa. E engraçado: não sei porque, eles me chamavam de “Sabina” (Ruído de líquido geladinho enchendo copo)...

— Teve o Marechal Deodoro... (Ouve-se ao fundo o prefixo da “Voz do Brasil”. Alguém desliga o rádio)

De Quinze de Novembro a madrugada
Vi-o com o olhar em fogo e a face cheia
Dessa expressão estranha, que alardeia
A conquista da glória cobiçada.

Nunca mais viva lhe brilhou a espada
Do que nessa manhã, em que a cadeia
Quebrou, da qual, sem mancha, escura ou feia
Saiu a alma da pátria libertada.

Nunca missão mais alta foi cumprida
Nem nunca, à luz de um refulgente dia,
Dourou mais nobre feito uma áurea vida.

Tirano! Ditador essa alma pura!
Foi de piedade a sua tirania,
E foi de amor a sua ditadura.

(Palmas vibrantes, gritos de “bravo”)

— Não é um barato? (Ruído de copos batendo)

— Mas recordação mesmo eu tenho é do Tenente. Ah, meu Deus do Céu! (Ruído de líquido precioso sendo sorvido de uma golada só) Foi com o Tenente que eu aprendi a ser “saloia”. Saloias eram as pastoras dos ranchos de antigamente. Aliás, eu tenho uma lembrança muito boa do falecido. Graças a ele foi que eu conheci o Marechal Floriano. Foi em 94. Quando nós fomos com o “Rei de Ouros” dançar pro Presidente... Em 1911 eu também dancei prum presidente. Mas aí já não era mais no Palácio Itamarati. E o presidente era o Marechal Hermes. Aliás, a senhora dele era muito distinta... Isso já foi com o Ameno. Antes disso... Ihh!! Teve o bonde elétrico e o túnel pra Copacabana em 92, teve a Revolta da Esquadra logo ano seguinte... teve tanta coisa!!!

(Aqui, de novo, o barulho do trânsito se superpõe às vozes)

— ... Hilária também. Hilária Batista de Almeida. Morava na casa do Miguel Pequeno na Rua da Alfândega. Nesse tempo eu já não estava mais com o Tenente. E a

Amélia, mulher do Miguel, se enrabichou e fugiu com ele. Miguel ficou muito desgostoso com aquilo e não quis saber de mais nada. Ai, deu tudo pra Ciata e ela botou o "Rosa Branca" pra frente, mas sempre na intenção do Tenente que tinha inclusive se metido lá com a filha dela. Ele era um caso sério: mulherengo que só vendo! Inclusive tinha uma chula que o Tenente gostava muito de cantar que eu ensinei prum menino que ia de vez em quando lá na casa da Ciata e que depois fez o maior sucesso: (Canta)

"O chefe da folia, / pelo telefone..."

Essas coisas é que eu acho meio chatas na velha. Ela tem a mania de dizer que tudo foi ela quem fez. Mas eu dou o desconto porque nessa idade as pessoas começam mesmo a misturar estação e elas mesmas não sabem o que é verdade e o que é fantasia. E ela já contou cada uma! Cita até data, quer ver?

— Deixa eu ver... Nessa época eu já tinha mais de dez anos de Fábrica... eu fui pra Confiança quando abriu... Anda, Firmina! ... Ah! Foi em Sete... 1907! Isto mesmo! Três anos depois da confusão da Vacina! No ano da morte do Patápio, coitado! ... Dezessete de fevereiro de 1907! Nessa época meu coração dava pulinhos quando ouvia o Dudu das Neves! (Ruído de fósforo sendo riscado) O piquenique foi em Paquetá... As moças, os rapazes, essa coisa toda... Ai, na barca, na volta, não sei quem lá deu a idéia da gente fazer, no "Progresso do Catete" mesmo, um "cordão". Mas um cordão que fosse melhor que todos os outros; um cordão que fosse uma verdadeira escola de como se fazer um carnaval. E fizemos, mesmo! Tanto que, do carnaval de 1908 em diante não teve mais pra ninguém: era a Corte Egípciana, era a Corte de Belzebu, uma beleza! A primeira porta-estandarte fui eu. Depois é que veio a Maria Izabel, mãe desse menino do rádio, como é mesmo?... Haroldo Barbosa.

(Ruído de garrafa sendo aberta. Líquido enchendo copo)

— Aliás, sobre o Ameno Resedá tem um negócio muito bonito que eu vou contar pra você. Um dia eu encontrei o Joãozinho muito chateado. Perguntei a ele o que é que era e coisa, e ele me falou que estava muito triste com esse negócio de Carnaval, que fazia as coisas e tal e que ninguém reconhecia, que tinha recebido uma proposta pra fazer o carnaval do Beija-Flor mas que gostava mesmo era do Salgueiro... Ai, eu comecei a conversar com ele sobre carnaval, contei essas coisas todas do Ameno e aconselhei ele a ir lá pra cima, sim, o que é que há?! Ai, ele foi, se deu bem e — você não sabe da maior, meu filho: o segundo enredo que ele fez lá foi em homenagem a mim e ao Ameno, inclusive mostrando aquilo tudo que eu tinha contado pra ele: (Canta)

"Não chore não vovó/ não chore não".

— Ele inclusive me toma a bênção, me chama de "minha tia", não pode me ver. Tão bonzinho o João! É uma dama! Você conhece ele?

Isso é que eu tava falando, viu? Dá um pouquinho de corda pra velha, ela começa logo a cascatear. Mas não deixa de ser engraçada a coroa, não é?

(Líquido enchendo copo. A cantoria ao fundo continua)

— Ah! Isso foi em 28. Não sei se você sabe que desde menina eu sempre fui boa na perna. Até hoje... quer ver? Planta aí só, pra você ver uma coisa! Anda! Planta! (Gargalhada) Mas onde é que eu tava? Ó cabeça, meu Deus!

(Voz off ininteligível)

— Arteriosclerose é a puta que pariu! (Gargalhadas gerais) Ah, sim! Foi no carna-

val de 28. Os batuqueiros tavam tudo lá na balança, ali perto de onde é a Rua de Santana! Paco, Chocolate e Severino, da Favela... Zé Espinguela, da Mangueira... Manuel Bam-Bam-Bam, Betinho e Walde-mar Expresso, lá de Oswaldo Cruz... Deixa eu ver... Ah!... Do Salgueiro estavam o Calça Larga, o Caxinê, o Neca da Baiana... Do Estácio tinha o Caneta, o Belmiro, o Brancura, o Fumaça... Ih! Tinha tanto batuqueiro, menino! E tudo batuqueiro mesmo da pesada: o maior barato!

Deixa amanhecer/ para conhecer quem é.../
Deixa amanhecer/ para conhecer quem é...

— Nego tava doido pra saber quem era aquele tremendo batuqueiro desconhecido... E eu lá, na minha... Quando vi que não tinha mesmo mais ninguém, aí eu tirei a máscara: — “Comadre Firminal! Puxa vida! Quem é que ia adivinhar?” Saimos dali, fomos tomar Cascatinha na cervejaria em frente. Cascatinha e traçado, cascatinha e traçado, cascatinha e traçado... Ninguém deixava eu pagar nada. Menino: nem te conto! Saí dali num porre! Num porre desses de juntar criancinha!

Escutou? Esse é outro negócio esquisito que está acontecendo com a velha. O vocabulário dela agora é uma tremenda confusão de épocas: ela fala “inspetor de veículos” ao invés de “guarda de trânsito”, “goma arábica” em vez de “cola”; avião ela chama de “aeroplano”, e isto com a mesma facilidade com que às vezes me chama de “meu trato”, “cara”, “meu chapá”, e até de “brother”, veja você!

Até hoje a velha toma cerveja à pampa. E se for mesmo verdade, nesse dia ela deve ter ingerido mesmo demais, porque não é uma nem duas que derruba ela, não. E é cheia de macete ela: bota o dedo na chapinha pra ver se está bem gelada, inclina o copo na hora de encher que é para não fazer colarinho... e sempre com um calicezinho de genebra do lado. Não sei como é que pode, com essa idade toda!

— ... vesti um terno de linho, botei uns niqueis no bolso do paletó, calcei um tamanco fechado desses de português, meti uma máscara e um chapéu chile por cima... era um homem escritinho... aí cheguei pra lá. Cheguei e tal, nego logo me tirou. Entrei na roda, plantei, nego mandou a perna e eu nem balancei.

— Não tive filho porque a natureza não quis: figueira do inferno, sabe como é, né? (Riso meio amargo) Mas perdi porque tinha que perder: nunca botei fora, nunca fiz uma besteira.

— Aí foi a minha vez. Casadinho plantou e eu vupt! Antonico plantou e eu vapt! Malvadeza plantou, eu lesco! Veio Antonico, eu rrept! Aí foi a vez do Nino, depois do Fumaça, depois do Nanal... os malandros tudo caindo e eu lá, no meio da roda.

(Leve estalido de fósforo sendo riscado)

— Conheci homem foi lá no Estado do Rio ainda. Ele trepava por profissão, mas comigo foi diferente.

— Deu uma, duas, três horas da manhã, e eu lá.

(Pergunta ininteligível)

— Profissão, sim! Ele era pago pra emprenhar as escravas. Mas eu, como não era escrava de ninguém, era dona da minha perseguida... Depois foi o Tenente. Ah, o Tenente! Um bocado de coisa boa nós curtimos juntos! Depois... deixa eu ver... depois teve o Antenor, o Lino, o Aurélio... Ih! Já nem me lembro direito!... Ah! Em 23

— Quando não tinha mais nenhum pra cair, eu lá no meio da roda com aquela máscara, um dos malandros tirou essa batucada:

fui morar no Estácio. Na rua Machado Coelho. Aquilo ali era uma coisa! Inclusive foi ali, no Bar Apolo, no Café do Compadre, que eu fiz meus primeiros sambinhas. Porque antes o que a turma fazia era mais pra maxixe, aquele negócio meio quadrado. Ai, eu resolvi fazer um negócio que desse pro pessoal cantar andando, gingando, sambando mesmo. E comecei a fazer uns pagodes com menos notas, com notas mais compridas, mais animados... assim, quer ver? (Canta)

Nem tudo que se diz se faz/ eu digo e serei capaz/ de não resistir/ nem é bom falar/ se a orgia se acabar...

— Só que eu fazia os sambas e dava pra um, pra outro, não ligava mesmo pra esse negócio de ser compositora, cantar no rádio... Quem gostava disso era o Ismael. Em 28, quando nós fundamos o Deixa Falar, Ismael já era do Rádio. Esse foi um dos poucos homens que eu tive que...

Eu tenho até um pouco de medo de estar mostrando isso às pessoas, porque a coroa, com essa mania, acaba arranjando confusão. Ela inclusive já me disse que, na época do Getúlio, teve até senador querendo botar casa pra ela. E, mais: disse que posou nuinha em pêlo pra muito quadro do Di Cavalcanti e disse que foi quem fez a cabeça do Albino Pinheiro nesse negócio de gostar de crioula.

— O outro foi o Paulo. Ah, o Paulo! Ele era um crioulo alto, magrinho, elegante. Inteligente que só vendo! Tanto que todo mundo só chamava ele de professor. (Líquido enchendo copo - cantoria ao fundo) Devo muita coisa ao Paulo, também. Foi com ele que eu fui ao navio "Uruguai" gravar samba pro Maestro... como é mesmo? ... Stokowski. Com ele eu ia pra tudo quanto é lugar. No carnaval de 27, como ele era muito amigo do Cartola, nós fomos lá pra

Mangueira, pra dar uma força nos Arengueiros. Ai saímos, cantando e tocando, por aqueles lugares todos de lá: Visconde de Niterói, Travessa Martins, Saião Lobato, Faria... de lá nós viemos pra Praça Onze. Ah, eu me acabei naquele ano! E eu estava com o Paulo também, no dia em que morreu o Caquera lá em Bento Ribeiro. Foi um negócio muito triste. O Caquera era um dos diretores do "Lira do Amor", que a gente chamava de "Pega Dormindo". Ele estava em cima do caminhão, arrumando as coisas pro pessoal descer, e com a corda passada assim pelo pescoço. Não sei como é que foi... tinha que ser mesmo!... a ponta da corda se enroscou embaixo do caminhão, foi se enrolando no eixo, foi se enrolando, e enforcou o Caquera, coitado! Foi uma morte horrível!

(Líquido enchendo o copo)

— Outro que praticamente morreu nos meus braços foi o Matinada, do Salgueiro.

— Foi no campo do Vasco, no carnaval de 45. Estavam lá todas as escolas daquela época: Floresta do Andaraí, Depois eu Digo, Paz e Amor, Filhos do Deserto, que era a escola do falecido Zinco...

— Uns dias antes, um pinta braba lá do São Carlos me disse umas gracinhas e queria me passar a mão. Ai eu contei pro pessoal do morro — eu saía no Azul e Branco nessa época.

— No dia de carnaval, o pessoal foi tomar satisfação. O pau quebrou: navalhada, tiro, facada, mais de duzentas pessoas brigando. Quando eu vi, tinha um montão de nego machucado — tanto que o chefe de policia não queria mais deixar ter escola de samba! — E o Matinada estava lá, estirado no chão. Por minha causa. E ele era tão novinho!

(Líquido enchendo copo. Fósforo sendo riscado)

— Teve muita coisa triste que eu já vi neste mundo, meu filho. Minha vida não é só pagode, não!

— Teve o Geraldo Pereira em 55, coitado — ele só me chamava de Isabel... Uns dizem que foi vidro moído, outros dizem que foi uma pernada do Satã... Deus é quem sabe!

— Teve a morte do Silas, em 72, no dia 20 de maio (eu estava lá, na roda de samba daquele clube lá da São Clemente)... teve o enterro do Paulo em 49 (me lembro bem: dia 31 de janeiro... Cemitério de Ira-já... aquele surdo tocando... acabou a brahma em tudo quanto era boteco da Estrada Marechal Rangel e da Monsenhor Félix, de Madureira até o cemitério. Vinha gente acompanhando a pé, de bonde, de carro de praça, de lotação... Foi uma coisa!)... Cheguei em casa, ainda zonza, peguei lápis e papel e escrevi:(Canta)

Paulo da Portela não morreu/ Apenas desapareceu/ Viverá para sempre em nosso coração/ Como prova de gratidão...

— Mas não vamos falar de coisa triste, não! (Gritando) Ô, vascaíno! Traz mais duas aí! E uma porção de salaminho!... Me amarro num salaminho!!!

Engraçado que aí a conversa mudou completamente. Comadre Firmina entrou num papo que ela gosta tanto quanto falar de samba: comida.

— Você pega um quilo de fubá, uma xícara de farinha, umas... duzentas gramas de banha, uma xícara de azeite, uma dúzia de tomates — deixa eu ver — uns oito ovos cozidos, uma lata de palmito, meio quilo de peixe (xererete é que é bom pra isso, que tem pouca espinha), uma lata de sardinha, um quilo de camarão... o que mais? ... ah! Bastante cheiro, cebola, azeitona, pimenta do reino, pimenta malagueta e sal, é claro!...

— Primeiro você faz o refogado: cebola e tomate. Deixa refogar bem e aí bota pimenta do reino, um pouco de pimenta malagueta e o sal.

— Nesse refogado, você bota o peixe que já estava lá temperado só com limão.

Bota um pouco d'água e deixa cozinhar. Quando estiver bem cozido, você tira a panela do fogo.

— Ai, noutra panela, você faz outro refogado, mas só no azeite.

— Nessa, você vai botar o camarão com um pouco d'água. Mas o camarão tem que estar bem descascado e bem limpinho, sem aquela tripinha preta, que ali é que está a porcaria do bicho.

— Depois, num alguidar, você vai fazendo o pirão, com fubá, farinha, água e o molho do peixe cozido, mexendo bem que é pra não embolotar. Depois, você bota o camarão com o molho todo e com cuidado pra não esmigalhar. Tudo isto no alguidar. E aí você bota a azeitona e a salsa bem picadinha.

— Mas agora é que vem o principal: você pega o cuscuzeiro... Não sabe o que é?... É uma vasilha já apropriada, que tem uma parte pra botar o cuscuz e outra prá água, pra cozinhar em banho-maria.

— Então você bota a água e começa a arrumar a vasilha: no fundo, as rodela de tomate, as rodela de ovo, e umas duas sardinhas: as outras sardinhas você bota em volta, em pé.

— Ai, você vai arrumando em camadas: uma de pirão, outra de peixe e palmito, outra de pirão, uma de peixe com palmito, ovos, azeitonas e sardinhas, outra do pirão, e assim por diante.

— Quando estiver tudo arrumadinho, você cobre com folha de couve e um guardanapo por cima, tampa bem e põe no fogo. Quando você ver que as folhas de couve estão ficando amarelas, aí está pronto.

— Aí então, é só desenformar, de cabeça pra baixo, botar umas rodela de laranja e comer, de preferência numa cuia, com a mão, assim ó, fazendo capitão, igual naquele partido meu que esse menino aí do Império gravou: (Canta)

58

Na coité bebi cachaça/ de cana caiana purinha/
Comendo com a mão na cuia/ pirão no
molho de farinha.

Este é mais um samba meu que me
roubaram!

*Em matéria de comida, ela diz que
sabe fazer de tudo. Mas diz que esse cus-
cuz de peixe é que é a sua especialidade.
Mas escuta só o resto do papo!*

— Mas a pernada teve mesmo! O negó-
cio foi o seguinte: Tava eu, o Geraldo e o
Tuffy — Geraldo já estava meio mamado
— quando o Satã chegou. Aí, o Geraldo
começou a dizer um montão de liberdades
sacaneando o malandro.

— Pra dizer a verdade, contar como
é que foi eu não posso porque naquela
hora eu tinha ido lá dentro verter água.
Mas todo mundo diz que o Satã foi se invo-
cando com aquilo e aí deu a banda, e o
Geraldo bateu com a cabeça no meio-fio.

— Mas muita lambança eu vi o Satã
fazer — ele não era mole, não! Vi ele enca-
rar um tintureiro, uns dois choques da Polícia
Especial, e vi ele jantar muito malandro na
Lapa. Mas ele era um elemento muito boa
praça, muito respeitador. Se ele tinha lá
as transações dele, eu não tenho nada com
isso. Só sei que ele era muito legal comigo.
Tomei muita cerveja, muito traçado, muito
“samba” e muito hidrolitol com ele. E fui
ver ele duas vezes lá na Ilha. Eu, inclusive
— agora veja só você — fui quem ensinou
a ele a fazer aquele arroz soltinho que ele
fazia. E com esse arroz e outras comidas
que eu ensinei, foi que ele ganhou aquela
colher de chá toda do diretor lá da Ilha.

— Era um bom sujeito, coitado! Deus
o tenha!

*Isto aí eu tenho impressão que ela
ouviu contar ou leu em algum lugar: Geraldo*

*Pereira morreu em 1955, quando a coroa
já estava com 105 anos.*

*Você acha que alguém com 105 anos
ainda tem condição de estar tomando cer-
veja na Lapa?*

— Por volta de quarenta e poucos o
Orson Welles, esse do cinema, esteve aqui.
Veio fazer uma fita só com coisas brasileiras.

— Ele queria filmar tudo: macumba,
jangada, aquelas coisas do norte, samba,
pernada e tudo. Aí me chamaram pra tomar
parte da fita.

— A gente juntou uma turma e foi pra
lá. Já pensou? Fazer um troço que a gente
gosta de fazer e ainda levar uns trocados?

— Chegamos lá, e tal, tomamos uns
negócios, comemos umas coisinhas, e
quando o gringo deu as ordens, a gente fez
a roda e começou a batucada: (Canta)

O facão bateu embaixo/ a bananeira
caiu/ O facão bateu embaixo/ a bananeira
caiu/ Cai, cai bananeira/ A bananeira caiu...

— Começamos devagarinho e tal e o
gringo não gostou. Gritou lá na língua dele
que queria que o pau rolasse mesmo. E a
gente continuou fazendo corpo mole. Aí ele
se invocou e o Raul foi falar com ele. Então
ele disse que machucar não era problema,
que ele estava pagando, que pagava até
mais — sabe como é americano, né? — e
que se alguém tivesse que ir pro hospital
ele custeava o tratamento.

— O Raul então chegou pra gente e
explicou o que ele tinha falado. A gente
ficou naquela: será que o gringo tá pen-
sando que a gente é frouxo?

— Ai a gente resolveu pernar pra valer
mesmo. Ah, menino! Nem te conto! O couro
comeu. Era só nego subindo e se estaba-
cando no chão! Só eu, derrubei uns quinze
daqueles mais otários que foram pra lá só
por causa do cachê. E tinha os artistas, coi-
tados, tudo entrando na rasteira por causa
do contrato que tinham assinado.



— De vez em quando saía um carregado. E o Orson Welles lá com aquele charutão se esbaldando e pedindo mais, mais, mais!

— O Grande Otelo, coitado, hoje é meu amigo, mas ficou uns três anos sem falar comigo por causa de uma banda que eu dei nele e ele quase que morreu.

O Otelo já me desmentiu essa história. Ele diz que participaram das filmagens vários sambistas levados pelo Raul Marques, parece. Mas diz que não tinha mulher nenhuma na roda, não.

Essa velha!!!

— Olha, vou te contar, viu? A única coisa que eu não fui foi Miss Brasil porque crioula não pode. Mas coroa, faixa e diploma é o que não falta lá em casa, quer ver? Olha... deixa eu ler aqui pra você. Me dá meus óculos... Olha aqui:

... Princesa das Pretas, do clube Cedofeita de Bento Ribeiro... Rainha dos Passeios Marítimos do navio Mocanguê... Embaixatriz do Tango do Dancing Vitória de Irajá, numa promoção do cantor Orlando Barbosa e dançando com Trajano e Mário Jorge ao mesmo tempo... Bonequinha do Café, do clube Aristocrata, de São Paulo... Madrinha das Misses do Renascença Clube, com uma faixa entregue pelo Dr. Oscar de Paula Assis... Patronesse das Jambetes do Estado da Guanabara, coroada por Dinah Cabeleireira... 1.ª Princesa do Teatro Experimental do Negro, coroada por Abdias do Nascimento... Madrinha da Torcida do C.R. Vasco da Gama, título conferido por Ramalho e Dulce Rosalina... Sócia Benemérita dos Tenentes do Diabo... Sócia Fundadora do Afoxé Filhos de Ghandi... Baronesa dos Bailes do High Life... Rainha das lá-Bassês dos Candomblés da Baixada Fluminense...

Amiga da Umbanda, título conferido por Tancredo da Silva Pinto e Átila Nunes... Rainha do Fã-club de Emilinha Borba e do Programa César de Alencar... *The Queen of Samba*, título dado por Dizzy Gillespie no dia em que ele foi tocar na sede antiga da Portela... Favorita dos Condutores de Bonde do Distrito Federal... Conselheira do Instituto de Pesquisa das Culturas

Negras (IPCN)... Madrinha do Black-Rio - e tem muito mais!

— Em teatro — quer ver só — trabalhei com Silveira Sampaio, Carlos Machado, Haroldo Costa, Solano Trindade, viajei com a Brasiliana, dancei com Catherine Dunham, Mercedes Baptista, com essa gente toda, meu filho. Fui pastora do Ataulfo Alves, fui *crooner* do Dancing Avenida, trabalhei no Orfeu da Conceição fazendo o papel de Clio, mãe do Orfeu; trabalhei com Walter Pinto no Recreio em várias peças: Tem Bububu no Bobobó... É de Xurupito... É Xique-Xique no Pixoxó: (Canta)

Ai, não quero mais amar/ ai eu vivo assim tão só/ Mas se alguém gostar de mim/ É xique-xique no Pixoxó...

Ih, tem tanta coisa!

— Em samba, eu acho que já falei tudo. Ah, não! Você sabe quem deu pro Candeia a idéia de ele fundar o Quilombo? Não sabe, não? Pois então fique sabendo. (Líquido enchendo copo) Ai, menino: toma senão vai esquentar! (Ruído de alguém sorvendo sofregamente largos goles de um líquido certamente delicioso) Ahhhhh!

— Mas o que é que eu estava dizendo mesmo?... Ah, sim! Mas o melhor mesmo que eu já fiz em samba foi em 55, no dia que o Embaixador da França foi visitar o Império, que na época ainda era lá na Serriinha, na Rua Pescador Josino. O Aniceto foi escolhido pra fazer o discurso em francês e eu pra fazer os salgadinhos — você sabe que eu sou banqueteira, né?... Na hora agá deu um nervoso lá no Aniceto e ele se enrolou todo. Ai eu soprei no ouvido dele: — “Nous avons beaucoup de plaisir avec la présence de nos illustres invités...” Ai, ele pegou o embalo e foi fundo. Foi o maior sucesso!

— Nesse negócio de bacana metido em samba eu vi cada coisa!

— Olha aqui, meu filho: No dia em que o Nelson de Andrade foi chamar

Madame Marie Louise e o Dr. Dirceu pra serem carnavalescos do Salgueiro, eu escutei a conversa toda. Foi em 58. Me lembro bem. Eu era empregada da casa e sabe como é, né?

Viu só?... Se a metade das coisas que a velha falou for verdade, esta fita tem o maior valor. E ainda tem este papel aqui:

Firmina Glória da Conceição — Curriculum Vitae resumido

- 1850: Nasce em Sto. Amaro da Purificação, estado da Bahia;
- 1854: Vai morar em Campos e depois em Guia de Pacobaíba, RJ;
- 1868: Vem para o Rio, fixando residência na Pedra do Sal, Gamboa; pega carona do primeiro bonde de burro;
- 1871: Organiza as comemorações da assinatura da Lei do Ventre Livre; recusa-se a aceitar o Sistema Métrico Decimal e provoca o maior rebu;
- 1872/78: Participa ativamente da campanha abolicionista;
- 1873: Compra um terreno na recém loteada Vila Isabel mas só consegue pagar a primeira prestação;
- 1876: Industriada por um truste inglês, tenta conseguir, por vias escusas, a concessão de uma linha de bondes para Copacabana e quase se dá mal;
- 1880: Líder na “Revolta do Vintém”, sopra no ouvido de Lopes Trovão aqueles desaforos que ele diz ao imperador;
- 1881: Batiza, a 13 de outubro, na igreja matriz de N. Sra. da Glória, aos cinco meses, seu primeiro afilhado: o mulatinho Afonso, filho da comadre Amália Augusta e do compadre João Henriques de Lima Barreto;

- 1885: Organiza um pagode comemorativo da Lei dos Sexagenários;
- 1888: Organiza, a 14 de maio, uma missa em Ação de Graças pela saúde da Princesa Isabel e comanda, durante toda a semana, um axexê para os eguns dos escravos mortos no Brasil;
- 1889: Com seu tabuleiro de laranjas e com o codinome de "Sabina" faz propaganda republicana em frente à Faculdade de Medicina; depois, saúda o 15 de novembro com um monumental vatapá no Campo de Santana;
- 1890: Empregada doméstica, faz os patrões se mudarem para Botafogo porque São Cristóvão "não está mais com nada".
- 1892: Participa da inauguração do Túnel Velho no estribo de um bonde de burro; quase leva um choque num bonde elétrico, no ponto final do Flamengo;
- 1893: Ajuda a rebocar um canhão da Praia Vermelha até Copacabana;
- 1894: Apresenta-se com o rancho "Rei de Ouros" para o Mal. Floriano Peixoto; tenta comprar um lote no Leme mas não tem fiador; muda-se para Mangueira;
- 1896: No Morro da Providência organiza uma recepção aos soldados que voltam de Canudos e vai morar lá, num barraco;
- 1897: Dá uma voltinha no automóvel de José do Patrocínio;
- 1898: Grita, pela primeira vez, "Cazaca! Cazaca! Cazaca — zaca — zaca!"
- 1900: É barrada quando tenta viajar num bonde *de ceroula* (o bonde, e não ela);
- 1902/06: Faz um banzé e bota o Rio abaixo;
- 1905: Arranja um emprego na Light;
- 1907: Funda o rancho "Ameno Resedá";
- 1910: Junto com seu namorado, um marujo chamado João, mete-se numa tremenda encrenca na Marinha. E até hoje não admite que se fale no assunto;
- 1911: Exibe-se, com o Ameno, para o Marechal Hermes da Fonseca;
- 1920: Num tremendo bafafá, derruba o Morro do Castelo;
- 1922: Participa, como musa e modelo, da Semana de Arte Moderna e nem toma conhecimento do episódio dos "Dezoito do Forte";
- 1923: Faz uma tripa a lombeira a 11 de abril, na fundação do bloco Vai como Pode, em Oswaldo Cruz;
- 1926: Participa da inauguração da Avenida Automóvel Clube;
- 1928: Funda, a 12 de agosto, a escola de samba Deixa Falar, no Estácio; interpreta, na Festa da Penha, um samba do desconhecido compositor Ari Barroso intitulado "Vou à Penha"; e participa da abertura da Estrada Rio-Petrópolis;
- 1929: Funda, a 30 de abril, a escola de samba Estação Primeira de Mangueira com uma suculenta papa com lombo;
- 1930: Saúda Getúlio Vargas com um churrasco em pleno Obelisco;
- 1931: Ajuda a iluminar o Cristo Redentor;
- 1932/36: Retira-se da vida pública descontente com Getúlio;
- 1937: Escreve uma carta malcriada ao presidente pela decretação do Estado Novo. Getúlio acha engraçado, mas manda o DIP prendê-la;
- 1942: Organiza uma passeata, junto com o pessoal da UNE, pedindo represálias contra os países do Eixo;

- 1943: Vai comprar laranjas e acaba adquirindo um lote em Nova Iguaçu;
- 1944: Funda o Teatro Experimental do Negro; e a 7 de setembro chora o fim da Praça Onze;
- 1946: Na inauguração, percorre a pé toda a Avenida Brasil, até Coelho Neto;
- 1948: Funda a Escola de Samba Império Serrano organizando uma desfiada com tutu; quase cai da nova ponte da Ilha do Governador;
- 1950: É internada, a 16 de julho, no Pronto Socorro com uma crise nervosa motivada pela derrota do Brasil na Copa do Mundo;
- 1951: Funda, a 17 de fevereiro, o Renascença Clube promovendo um desfile de penteados; vai ver a abertura da Rodovia Presidente Dutra;
- 1952: Desfila no primeiro carnaval do Afoxé Filhos de Gandhi;
- 1953: Funda, a 3 de março, com uma explosiva rabada com agrião, a escola de samba Acadêmicos do Salgueiro mas recusa-se a participar da diretoria por achar que é o maior rabo de foguete;
- 1954: É novamente internada no Pronto Socorro, a 24 de agosto, com outra crise nervosa, desta vez motivada pela morte de Getúlio Vargas;
- 1955: Já morando num conjugado em Copacabana, viaja à Europa com o conjunto Brasiliana, de Miécio Askanazy; de volta, vai ao Congresso Eucarístico numa Romilsetta;
- 1956: Quebra um bonde na Greve dos Estudantes;
- 1958: É recolhida ao Hospital Souza Aguiar em coma alcoólico proveniente da vitória do Brasil na Copa do Mundo;
- 1959: Compra um fusca mas não tem dinheiro para gasolina;
- 1960: Vai a Brasília, em 20 de abril, participar das festas de inauguração da nova capital e volta correndo para os pagodes de fundação do Estado da Guanabara;
- 1961: Vota a favor do parlamentarismo;
- 1962: Vide 1958;
- 1963: Desiste, na última hora, de desfilar pelos Acadêmicos do Salgueiro e dá sua fantasia para a senhora do Presidente da Escola; chora o fim do bonde;
- 1964: Responde a um IPM por suas atividades no Cais do Porto e na Central;
- 1965: Organiza, na Quinta da Boa Vista, uma feijoada comemorativa do quarto centenário da cidade;
- 1968: É presa, a 13 de dezembro;
- 1970: Vide 1962;
- 1972: Cria, na Renascença Clube, a promoção denominada "Noite do Shaft" e organiza o Primeiro Encontro dos Blacks. Participa da primeira transmissão de TV em cores realizada no Brasil; é obrigada a sair do Catete, por causa do metrô;
- 1975: Tenta organizar um desfile de escolas de samba comemorativo da fusão GB/RJ em plena ponte Rio-Niterói. Mas desiste por falta de apoio da RIOTUR que não vê como colocar as arquibancadas; funda o G.R.A.N. Escola de Samba Quilombo;
- 1976: Muda-se para Nilópolis, RJ;
- 1978: Homenageada na Noitada de Samba do Teatro Opinião; aparece no programa "Fantástico, o Show da Vida" ilustrando um quadro com a saudosa cantora Clara Nunes de

quem foi amiga e conselheira; eleita madrinha da Banda de Ipanema e, logo a seguir, tombada pela Campanha de Defesa do Folclore;

1979: Em Florianópolis, xinga o presidente e vai presa com base na LSN;

1980: Leva o maior susto no Riocentro, em maio; em julho beija a mão do Papa no Aterro do Flamengo;

1981: Organiza em Recife a Missa dos Quilombos; no Rio, funda um bloco afro;

1982: Entra em profunda depressão na Copa do Mundo mas se recupera em novembro com a esmagadora vitória de Leonel Brizola;

1983: Participa em Salvador da Conferência Mundial da Tradição dos Orixás; lidera campanha de ajuda aos flagelados do sul; manda uma carta malcriada para o Min. Delfim Neto com cópias para os Drs. Ernane Galvêas e Carlos Geraldo Langoni; inaugura um pagode no fundo do quintal de sua antiga casa em Oswaldo Cruz;

1984: No carnaval, com um colete da Imprensa, dá um beijo no Prof. Darcy Ribeiro em plena Praça da Apoteose; na tarde-noite das Diretas, leva um bloco inteiro pra batucar na Candelária; dias depois tem um troço na Cinelândia mas se recupera a tempo de se engajar na campanha de Tancredo.

1988: De volta à Apoteose, repete, no "arrastão" da Unidos de Vila Isabel, o grito dado na Praça Onze, em novembro de 86: — *Valeu, Zumbi!*

Eu já estive inclusive pensando em fazer uma monografia pra FUNARTE... em transar o material com uma menina dessas do Caderno B, sei lá... Ou fazer um conto? Quem sabe?... "Conto é tudo aquilo que a gente diz que é conto". E já que quase tudo é cascata, é só tirar da fita e botar no papel. O medo que eu tenho é de ficar um negócio muito carioca. Porque dizem que conto pra ser bom tem que ser escrito por mineiro! O que é que você acha?